

Elyziane Ferreira Borges, Nathalie Barros Da Mota Silveira *

O imaginário na narrativa dos suvenires: um estudo de caso do sítio arqueológico de Ingá



Elyziane Ferreira Borges é Graduada em Design pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Atualmente é mestranda em Design pelo Programa de Pós-Graduação em Design da mesma instituição, na linha de pesquisa Informação, Comunicação e Cultura.

<designerelyzianeborges@gmail.com>
ORCID 0000-0002-4670-552X

Resumo O presente artigo apresenta o estudo da linguagem dos artefatos por meio da investigação da narrativa dos suvenires do sítio arqueológico de Ingá, na Paraíba. A pesquisa está embasada nas noções sobre a representação da identidade local no produto e na compreensão sobre o imaginário como elemento identitário capaz de ser explorado na concepção formal dos suvenires. Para análise dos artefatos, munuiu-se dos princípios semióticos quanto às dimensões sintática e semântica do produto, a compreensão do contexto sociocultural do souvenir, seguido da investigação sobre o ambiente turístico e os elementos do imaginário local ligado à Pedra do Ingá. A análise dos suvenires proporcionou a conclusão sobre tipologias de narrativas que exploram o contexto pré-histórico do patrimônio arqueológico e as lendas construídas com base em teorias ufológicas.

Palavras chave Souvenir, Identidade do território, Imaginário, Representação, Itacoatiaras de Ingá.

The imaginary in the narrative of souvenirs: a case study of the archaeological site of Ingá

Abstract *This article presents the study of the language of artefacts through the investigation of the narrative of souvenirs from the archaeological site of Ingá, in the state of Paraíba, Brazil. The research is based on the notions about the representation of local identity in the product and on the understanding of the imaginary as an identity element capable of being explored in the formal conception of souvenirs. For the analysis of the artefacts, semiotic principles regarding the syntactic and semantic*

Nathalie Barros Da Mota Silveira é Doutora e mestre em Design pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e graduada em Desenho Industrial pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Atualmente, é professora da Unidade Acadêmica de Design da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), coordenadora do Grupo de Pesquisa Morfologia do Objeto e Sistemas de Comunicação, sediado no Programa de Pós-Graduação em Design da UFCG, e pesquisadora do “O Imaginário”, sediado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Suas pesquisas e projetos dedicam-se a estudar a morfologia dos artefatos, a comunicação visual e a cultura material.

<nathalie.motasilveira@gmail.com >

ORCID 0000-0001-8928-3200

dimensions of the product were used, the understanding of the sociocultural context of the souvenir, followed by the investigation of the touristic environment and the elements of the local imaginary linked to the Pedra do Ingá (Ingá's Stone). The analysis of the souvenirs provided the conclusion about typologies of narratives that explore the prehistoric context of the archaeological heritage and the legends built based on ufological theories.

Keywords Souvenir, Territory identity, Imaginary, Representation, Itacoatiaras of Ingá.

El imaginario en la narrativa de los souvenirs: un estudio de caso del sitio arqueológico de Ingá

Resumen Este artículo presenta el estudio del lenguaje de los artefactos a través de la investigación de la narrativa de los souvenirs del sitio arqueológico de Ingá, en Paraíba. La investigación se basa en nociones sobre la representación de la identidad local en el producto y en la comprensión del imaginario como elemento identitario susceptible de ser explorado en la concepción formal de los souvenirs. Para el análisis de los artefactos, se utilizaron principios semióticos sobre las dimensiones sintácticas y semánticas del producto, la comprensión del contexto sociocultural del souvenir, seguida de la investigación del entorno turístico y los elementos del imaginario local vinculado a Pedra do Ingá. El análisis de los souvenirs permitió concluir sobre tipologías de narrativas que exploran el contexto prehistórico del patrimonio arqueológico y las leyendas construidas a partir de teorías ufológicas.

Palabras clave Souvenirs, Identidad del territorio, Imaginario, Representación, Itacoatiaras de Ingá.

Introdução

Os artefatos possuem a potencialidade de narrar histórias e abranger um ou mais significados, podendo ser compreendidos como uma maneira pelo qual o homem tece as teias de significado no meio em que está inserido. (DOHMANN, 2014, p. 5). Os artefatos são capazes de revelar-se como um registro da complexidade social, em que é possível identificar, por exemplo, processos de simbolização. (IBID). A autora Lucy Niemeyer (2007, p. 21) atribui à configuração dos produtos a sua possibilidade de comunicação. Enfatizando que o produto diz de si próprio sobre suas “qualidades e características, o seu modo de produção, o que serve, para quem se dirige”.

Dentro dessa lógica, Rafael Cardoso (2016, p.10) afirma que a potencialidade contida na aparência dos objetos materiais pode nos remeter “a vivências, hábitos e até pessoas que associamos ao contexto em que estamos acostumados a deparar com eles”. É a partir dos objetos materiais que os indivíduos constroem redes de significados, utilizando-os para tornar

visíveis suas práticas sociais, ao mesmo tempo em que imputam valores nelas, que auxiliam na configuração de suas identidades culturais. (DOHMAN, 2017, p. 49).

De natureza dinâmica, assim como a própria cultura, o território “carrega consigo, as histórias de grupos sociais, suas conquistas e suas disputas”. (KRUCKEN et al. 2017, p. 24). Ele produz no indivíduo o reconhecimento de si e de sua comunidade que, de forma subjetiva, gera uma conscientização de pertencimento entre aqueles que habitam o território. (ANDRADE, 2004). A convivência entre um grupo de pessoas de um mesmo local, que compartilham experiências e conhecimentos, gera a produção de “símbolos e representações que os unificam, tornando-os uma associação, um bairro, um estado, uma nação, constituindo assim uma identidade local”. (PICHLER e MELLO, 2012, p. 3). Para Pichler e Mello (2012, p.66), a identidade não é tanto o que um indivíduo tem, mas está essencialmente conectado com o que vive no imaginário do outro, concluindo que identidades são artefatos de comunicação.

Segundo Cláudia Albino (2015, p. 49), “identificamos um lugar quando temos memórias emocionais de um espaço, através da experiência de vida, que é traduzida em conhecimento”. Nesse processo de identificação, as coisas configuram-se como “a parte tangível de nossa identidade e memórias”. (DAMAZIO, 2013, p. 47). Os autores Munteán et al. (2017, p. 2, tradução nossa) levantam o pressuposto de que “a memória é realizada, mediada e armazenada por meio do mundo material que nos rodeia”, afirmando o potencial mnemônico dos objetos, ao considerá-los marcadores materiais de memórias.

Dessa forma, é possível compreender que o imaginário, como elemento da memória, possui um papel fundamental na interpretação e na identidade construída sobre o local. Para Moraes (et al, 2019, p.130) os símbolos que fazem parte do imaginário corroboram para tal aspecto identitário, com especial ênfase ao fato de que as formulações do imaginário “não são criações irresponsáveis da psique”, mas denunciam uma necessidade e cumprem a função de revelar as mais “secretas modalidades do ser”. O imaginário possui uma lógica interna, em que se “recria, reconstrói, reordena e reestrutura, criando uma outra lógica que desafia a lógica formal.” (LAPLANTINE e TRINDADE, 2017, p.28). Para Laplantine e Trindade (2017), a evocação do imaginário de algo se relaciona com, por exemplo, as narrativas históricas, os valores afetivos atribuídos, os nossos sentimentos, emoções e expectativas que temos em relação a este algo.

O souvenir é um artefato que em sua narrativa carrega os valores apresentados quanto a comunicação da identidade de um território. O conceito de souvenir tratado nesta pesquisa considera este como um objeto de consumo característico das visitas turísticas, com potencial de ser um marcador da memória na lembrança da experiência vivenciada no espaço visitado. Segundo Kaya e Yağiz (2015), o souvenir é aquele que codifica formalmente elementos estéticos, simbólicos e ritualísticos da cultura local e os transmite ao observador. O presente artigo objetiva compreender a comunicação da identidade do território visto no uso do imaginário como

estratégia criativa para representação do local visitado no artefato souvenir. O objeto de estudo da pesquisa são os souvenirs comercializados no sítio arqueológico das Itacoatiaras de Ingá, na Paraíba.

Território e Identidade

O território é um espaço que propicia as relações entre os indivíduos e sua maneira de tecer significados. A partir de uma visão crítica, pode-se entender que a noção de território se conecta com a concepção de cultura pois em sua definição, do ponto de vista de uma análise social, o território é o espaço usado, sinônimo de espaço apropriado pelas ações humanas, é o espaço habitado. (SANTOS, 1998). Os autores Miranda et al. (2017, p. 192) abordam que a presença do homem no espaço é o que viabiliza a existência do território ativo, “com recursos fundamentais ao seu contínuo funcionamento.”

De natureza dinâmica, o território “carrega consigo, as histórias de grupos sociais, suas conquistas e suas disputas”. (KRUCKEN et al. 2017, p. 24). O território produz no indivíduo o reconhecimento de si e de sua comunidade que, de forma subjetiva, gera uma conscientização de pertencimento entre aqueles que habitam o território. (ANDRADE, 2004). Eduardo Barroso (2017, p. 79), expande o conceito de território à percepção de que são espaços ocupados emocionalmente, “seja pela assimilação de suas qualidades e virtudes, seja pela experiência proporcionada ou pelo desejo de apropriação.” Acrescentando que o território é um conjunto complexo de elementos de identificação.

A partir de então, considera-se a relação entre o conceito de território e identidade. A identidade é materializada pelos símbolos e imagens que adquirem valor através de um processo voluntário e endógeno, tanto no indivíduo como no conjunto social, por isso, tende a ser expresso nas relações entre indivíduos que regulam a vida social. (SANTOS, 1998). Segundo Dijon de Moraes et al. (2010), tratar de identidade é lidar com a complexidade, considerando o contexto contemporâneo em que estamos inseridos. Os autores abordam que “a identidade pode denotar semelhança - sentido de pertença a um grupo ou nacionalidade, por exemplo - e, simultaneamente, nos traz a ideia de singularidade - algo único, original e autêntico”. (IBID, p. 9).

Desse modo, percebe-se que a identidade possui um caráter dinâmico, sujeito a constantes transformações, equivalente “a um somatório de experiências, multiplicadas pelas inclinações e divididas pelas memórias”. (CARDOSO, 2016, p. 75). Para Bonsiepe (2011), a identidade não é tanto o que um indivíduo tem, mas está essencialmente conectado com o que vive no imaginário do outro. Configurando a identidade como fruto do compartilhamento de valores entre os indivíduos.

Memória e Imaginário

Além da carga de significação que um artefato pode ser dotado, a memória é um outro conceito relevante a ser considerado especialmente quanto ao caráter do souvenir. Os autores Munteán et al. (2017, p. 2, tradução nossa) levantam o pressuposto de que “a memória é realizada, mediada e armazenada por meio do mundo material que nos rodeia”, afirmando o potencial mnemônico dos objetos, ao considerá-los marcadores materiais de memórias. Dentro desse contexto, a materialidade de um artefato possui um importantíssimo papel quanto à lembrança, visto a capacidade do objeto em promover a sensação de garantia do não esquecimento, proporcionado por sua tangibilidade e ocupação de um espaço físico - longe da instabilidade da nossa psique. É não mais o “ver para crer”, mas o “tocar para acreditar”. (IBID).

Vale considerar a estreita relação entre artefato, identidade e memória. Para Cláudia Albino (2015, p. 49), “identificamos um lugar quando temos memórias emocionais de um espaço, através da experiência de vida, que é traduzida em conhecimento”. Nesse processo de identificação, as coisas configuram-se como “a parte tangível de nossa identidade e memórias”. (DAMAZIO, 2013, p. 47). Esta autora defende que as memórias são construídas a partir de convenções sociais, valores e meios físicos, “engloba passado, presente e futuro e, também, lembrança e esquecimento”. (IBID, p. 46). Desse modo, lançando olhar sobre o souvenir como um artefato que carrega os aspectos da identidade de um lugar, a aquisição desse artefato é capaz de agregar valor emocional, tangibilizar e trazer à memória as lembranças do que se viveu em determinado espaço.

Segundo Rafael Cardoso (2016, p. 73), a maioria das nossas experiências só podem ser acessadas por meio da memória, e “a capacidade de lembrar o que já se viveu ou aprendeu e relacionar isso com a situação presente é o mais importante mecanismo de constituição e preservação da identidade de cada um”. Para Russo e Hekkert (2008), os souvenirs são exemplos de produtos que lembram memórias afetivas, capazes de autenticar experiências vividas. Independentemente de onde existam, estes objetos capturam uma experiência fugaz - a visita ao ambiente turístico- e a eternizam como algo extraordinário. (MAYNARDES et al. 2020, p. 16). Isso reafirma o potencial do souvenir “para moldar ativamente como lembramos dos lugares”, por meio de sua capacidade comunicativa. (IBID, p. 17).

Dentro do contexto da memória, o imaginário é um elemento que possui um papel fundamental na interpretação e na identidade construída sobre o local. Para Moraes (et al, 2010, p.130) os símbolos que fazem parte do imaginário corroboram para tal aspecto identitário, com especial ênfase ao fato de que as formulações do imaginário “não são criações irresponsáveis da psique”, mas denunciam uma necessidade e cumprem a função de revelar as mais “secretas modalidades do ser”. Na discussão sobre o imaginário, Maffesoli (2001) aborda e reforça uma certa espiritualidade para descrever a complexidade e profundidade desse conceito. Para o autor, o

imaginário trata do estado de espírito que caracteriza um povo, algo que não se limita ao racional, sociológico ou psicológico, “pois carrega também algo de imponderável, um certo mistério da criação ou da transfiguração.” (IBID, p. 75). Isto implica que, o imaginário não trata da “ausência da razão, mas apenas a exclusão de raciocínios demonstráveis e prováveis”. Desse modo, como afirma Laplantine e Trindade (2017, p. 28), entende-se que o imaginário possui uma lógica própria, que parte da recriação e reordenação que desafiam a lógica formal.

Vale ressaltar a potencialidade do imaginário em evocar o sentimento de pertencimento entre indivíduos de um local. Maffesoli (2001, p. 80) afirma que “O imaginário é determinado pela ideia de fazer parte de algo”, advindo da partilha de “uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera, uma ideia de mundo, uma visão das coisas, na encruzilhada do racional e do não-racional”. Desse modo, o imaginário constitui-se essencialmente coletivo, pois “estabelece vínculo. É cimento social” (IBID, p. 76), algo que ultrapassa o indivíduo por se instituir por meio da interação.

A representação nos artefatos

O significado que atribuímos aos objetos, em parte, são levados a eles por meio de paradigmas de interpretação que conferimos aos artefatos. Por outro lado, “damos sentido às coisas pelo modo como as utilizamos ou as integramos em nossas práticas cotidianas”. (HALL, 2016, p. 21). Nos estudos de Stuart Hall (2016), a representação é uma prática que usa objetos e efeitos materiais, e que constitui “uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura”. Este autor trabalha o conceito de representação com base na relação entre a linguagem, o significado e o conceito de cultura. A linguagem funciona por meio dos “sistemas de representação”. Por sua vez, essas práticas conectam-se ao conceito de signo e operam como linguagem porque “se utilizam de algum componente para representar ou dar sentido àquilo que queremos dizer e para expressar ou transmitir um pensamento, um conceito, uma ideia, um sentimento.” (IBID, p. 23). Para Hall (2016), a representação diz respeito à produção de sentido pela linguagem.

Na prática da representação, “o sentido depende não da qualidade material do signo, mas de sua função simbólica”. (IBID, p. 49). Desse modo, é possível perceber os suvenires como um tipo de produto dotado de elementos simbólicos capazes de representar um dado território, por sua possibilidade de materializar ideias e conceitos que visam transmitir determinados significados.

O souvenir

Consideramos o conceito de souvenir como um objeto de consumo característico das visitas turísticas. É possível abranger as definições de souvenir, não restringindo a um artefato que representa objetivamente o local visitado, mas que está diretamente relacionado àquilo que o visitante percebe como marcante da experiência que viveu no novo lugar visitado. No entanto, o objeto de estudo deste artigo está delimitado na análise dos souvenirs comercializados num espaço turístico e, portanto, que apresentem um conteúdo visual mais objetivo sobre o local visitado. Esses artefatos são centrais para a experiência do turista, capazes de promover os destinos para potenciais visitantes, fomentando o desenvolvimento do turismo local. (OLALERE, 2020, p. 1457).

O souvenir detém o potencial de relatar o conhecimento adquirido sobre uma nova cultura, e, ao ser ofertado como lembrança de uma visita, torna-se prova de estima do que foi vivido e apreendido. (BARBOSA e CAVALCANTI, 2016, p. 3553). Segundo Machado (2008), o souvenir pode ser visto como objeto sobre o qual se projetam vários usos e significados. Para Kaya e Yağiz (2015), o souvenir é um artefato que codifica formalmente elementos estéticos, simbólicos e ritualísticos da cultura local e os transmite ao observador. O processo de desenvolvimento e comercialização do souvenir possibilita sua ampla divulgação, fornecendo uma interface interativa entre o local e o global. (IBID, p.128).

Além de fomentar o turismo do território, o souvenir revela a dinâmica da produção local e, apesar de serem adquiridos por meio da troca comercial, “não deixam de representar aquilo que os ‘anfitriões’ escolheram para identificar a si mesmos.” (MACHADO, 2008, p.6). Dessa forma, este artefato pode ser considerado parte da cultura material contemporânea. Isto, por seu aspecto comunicativo quanto às representações da cultura e da história de seu local de origem, caracterizando-se vetor de identidade, patrimônio e produto turístico de uma cidade. (SILVA, 2009; KAYA e YAĞIZ, 2015).

Procedimentos metodológicos

Com a finalidade de compreender a narrativa dos souvenirs quanto aos aspectos da identidade do território, a investigação partiu do imaginário construído sobre o local como elemento de representação do espaço visitado. A adoção das dimensões semióticas do design, a sintática e a semântica, foram utilizadas para compreensão da geração de sentido no objeto estudado.

Segundo Vihma (2009, p. 198, tradução nossa), o estudo da Semiótica está relacionado à “formação, significação e comunicação de sentido”. A Semiótica é a teoria geral do signo. O signo é “algo que representa alguma coisa para alguém em determinado contexto”, por meio da articulação dos signos se dá a construção do sentido. (NIEMEYER, 2007, p. 25). Os princípios

da semiótica aplicada se fazem pertinentes para compreensão da linguagem dos artefatos. Sabendo que, este campo de estudo auxilia o designer por meio de apontamentos de parâmetros específicos de design para a avaliação dos possíveis significados de um objeto. (NIEMEYER, 2007). Além disso, é de suma importância considerar o conhecimento sociocultural e da história do contexto em que o signo está inserido, a fim de compreender, da melhor forma possível, o objeto analisado. (SANTAELLA, 2005, p. 6).

A aplicação das teorias semióticas na área do design, aponta a existência de três dimensões semióticas nos objetos. O presente artigo busca analisar a linguagem dos artefatos a partir de duas das três dimensões semióticas: a dimensão sintática- o estudo das relações do signo com outros signos; e a dimensão semântica - o estudo do signo com os seus objetos. (BRAIDA e NOJIMA, 2014, p. 49). A dimensão sintática refere-se à estrutura do produto e ao seu funcionamento, bem como o modo que as partes da estrutura estão conectadas umas às outras. (NIEMEYER, 2007). A partir das conclusões de Braida e Nojima (2014, p. 50), entende-se que “a dimensão sintática abrange tanto os elementos da própria construção dos objetos, seja em seu plano material ou formal e se relaciona com a estática, a estabilidade construtiva, seus métodos e procedimentos”. Desse modo, a sintaxe do produto pode ser percebida, por exemplo, nas qualidades materiais, na forma, cor, constituição e componentes de um produto. (VIHMA, 2009, p. 202). A dimensão semântica do produto diz respeito às qualidades expressivas e representacionais de um produto. (NIEMEYER, 2007, p. 53). A dimensão semântica trata do significado das coisas. Vale ressaltar que, as dimensões sintática e semântica estão intrinsecamente conectadas, de tal forma que, “se algum dos elementos configurativos (sintáticos) do artefato é modificado, seu significado (semântica) também é alterado”. (SILVEIRA, 2018, p. 75).

Para a compreensão do estudo sobre o imaginário ingaense, é pertinente a caracterização do ambiente estudado, o sítio arqueológico das Itacoatiaras de Ingá, Paraíba. Ingá é um município do agreste paraibano, situado cerca de 105 km de distância da capital, João Pessoa. O sítio arqueológico está localizado na Fazenda Pedra Lavrada, a aproximadamente 4 km de distância da sede do município. A Pedra do Ingá (Figura 1) é o primeiro monumento de arte rupestre protegido no Brasil, em 1944, pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). É também um bem que integra a lista de Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). O seu reconhecimento advém do rico conteúdo estético e técnica dos símbolos inscritos em baixo relevo em um paredão rochoso, evidenciando sua incontestável importância histórica. (IPHAN, 2015). A datação e a origem dos registros rupestres são imprecisas, abrindo espaço para interpretações diversas sobre os possíveis autores das inscrições

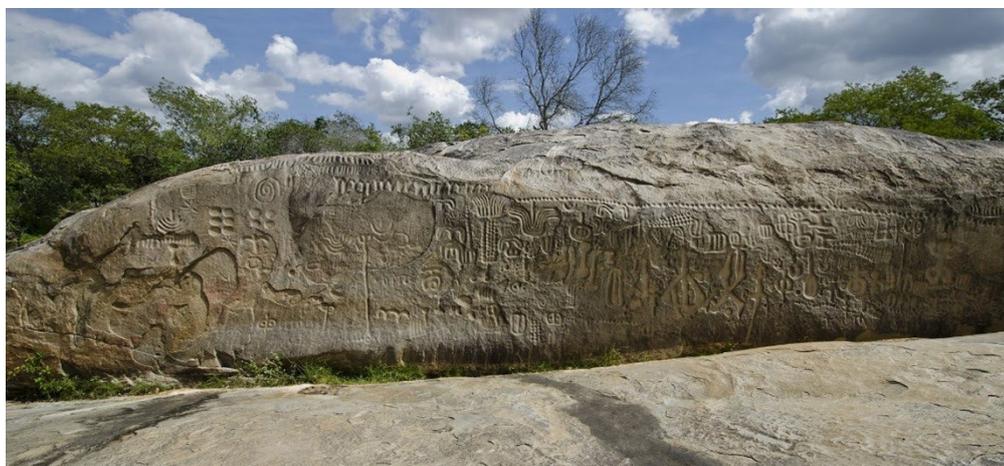


Figura 1 Parte central do paredão rochoso contendo as inscrições rupestres.

Fonte <https://pixabay.com/pt/images/search/inga/>, 2022.

Além dos símbolos rupestres apresentados no paredão principal, as Itacoatiaras de Ingá são compostas por um conjunto rochoso localizado na parte posterior do paredão principal que contém os símbolos. Segundo informações disponíveis na rede social Instagram do sítio arqueológico de Ingá, os famosos “caldeirões” são resultado da erosão que ocorre ao longo de milhares de anos, por meio de um processo natural. Além das Itacoatiaras, o espaço do sítio arqueológico salvaguarda o Museu de História Natural de Ingá. Este museu apresenta réplicas de artefatos pré-históricos e fósseis encontrados na região do município, além de materiais didáticos sobre o local.

As evocações do imaginário acerca da Pedra do Ingá parte da interação e partilha de lógicas internas construídas a partir de narrativas históricas, fantasias e contos partilhados ao longo dos anos, fruto da liberdade imaginativa que o desconhecido e cientificamente improvável fomenta. Artistas e estudiosos de diferentes regiões do Brasil e do mundo já se muniram das Itacoatiaras de Ingá e dos elementos do imaginário ingaense para produção artística e científica. Uma das principais fontes em que é possível constatar as referências sobre o imaginário é a rede social Instagram da Pedra do Ingá, principal veículo de comunicação do sítio. São compartilhadas as teorias do imaginário, que vão desde às narrativas de índios que habitavam a região e que, possivelmente, foram autores das inscrições, à presença de seres extraterrestres que deixaram registrado ali a sua presença na reprodução dos símbolos e até mesmo em formações rochosas em alusão a fisionomia dos chamados “ETs”.

As narrativas dos souvenirs do sítio arqueológico da Pedra do Ingá

A capacidade comunicativa do souvenir e os significados que ele pode evocar com a referência à identidade de um território, torna este artefato passível de uma análise atenta aos aspectos de sua configuração correlacionado à semântica do produto. A partir disso, a seguir serão analisados cinco souvenirs comercializados no sítio arqueológico de Ingá: um chaveiro; uma maquete; um mandala; um porta-copo; e uma meleira. Os souvenirs selecionados foram mapeados no primeiro semestre de 2021. Todos eles são de origem artesanal, produzidos por moradores do território ingaense.

Uma das narrativas mais exploradas no ambiente turístico das Itacoatiaras de Ingá se refere à origem pré-histórica dos elementos encontrados na região do município. Isto porque o sítio além de abrigar o patrimônio arqueológico com as inscrições rupestres, conta com achados arqueológicos de fósseis de animais pré-históricos, a exemplo da Preguiça-gigante, Tatu-gigante e Mastodontes. Esses aspectos são apresentados ao público principalmente no Museu de História Natural de Ingá, visto em um painel ilustrado no ambiente interno (Figura 2), nas réplicas de artefatos e fósseis em exposição e na reprodução em grande escala de um dos animais pré-históricos na entrada do sítio. A alusão ao imaginário quanto às origens pré-históricas é perceptível na narrativa de três dos souvenirs mapeados: a maquete, o chaveiro que replica um fóssil e a meleira

Figura 2 Pintura que ilustra a narrativa pré-histórica no interior do Museu local, obra de Vanderley de Brito.

Fonte <https://www.instagram.com/pedra-doinga/>, 2020.



O souvenir chaveiro em formato de fóssil (Figura 3) exemplifica o uso de um dos elementos mencionados acima. Este artefato traz consigo a representação de um fóssil de dinossauro, referindo-se aos achados na região das Itacoatiaras de Ingá. Para isto, foram utilizadas estratégias icônicas de representação na reprodução da ossada de uma cabeça de dinossauro. O objetivo de representar as Itacoatiaras pode ser percebido no simbolismo do

fóssil e na representação do solo por meio de texturas e do tom terroso da cor aplicada. As formas em baixo e alto-relevo, elaboradas de forma pouco precisa, e o uso da técnica artesanal no material do produto são elementos capazes de reforçar a ideia ligada à rusticidade dos elementos pré-históricos relacionados à Pedra de Ingá. Desse modo, o imaginário está presente na narrativa do artefato na reprodução de um elemento pré-histórico que faz parte do período que se é postulada a datação e origem das inscrições rupestres.



Figura 3 Suvenir chaveiro em formato de fóssil.

Fonte Arquivo pessoal, 2021.

Do mesmo modo, o souvenir em formato de maquete (Figura 4) exemplifica a narrativa com referência ao imaginário pré-histórico. As técnicas utilizadas se concentram na elaboração de réplicas dos animais pré-históricos narrados principalmente no Museu do sítio, além da reprodução do ambiente natural. Uma ilustração semelhante ao que é retratado no artefato analisado encontra-se no interior do Museu de História Natural de Ingá. O painel do artista Vanderley de Brito (Figura 2) retrata o ambiente das Itacoatiaras com a presença dos animais pré-históricos representados no produto analisado. A representação desses animais denota a aproximação com a narrativa criada a respeito do período de elaboração das inscrições rupestres e dos seres que viviam no entorno da Pedra de Ingá.



Figura 4 Suvenir maquete.

Fonte Arquivo pessoal, 2022.

O souvenir meleira (Figura 5) exemplifica o uso de uma outra característica do contexto pré-histórico. Trata-se do uso de modos de conformação do material e acabamentos superficiais que remetem a técnicas de produção rudimentares, numa alusão a artefatos pré-históricos. As técnicas utilizadas para fazer referências culturais e históricas se concentram principalmente na reprodução da técnica do baixo-relevo e no aspecto irregular e impreciso no acabamento do produto, remetendo à antiga origem e o período histórico de elaboração das inscrições rupestres. A exceção da referência à origem rudimentar se dá apenas no acessório utilizado para retirada do mel. Sendo assim, de modo geral, a referência ao imaginário local é perceptível nos efeitos de texturização, tipo e precisão de acabamento que remontam a saberes rudimentares dos artefatos pré-históricos.

Figura 5 Suvenir maquete.

Fonte Arquivo pessoal, 2021.



Uma outra narrativa observada trata da referência às teorias ufológicas sobre a origem das inscrições da Pedra do Ingá. Essas teorias ganharam destaque internacional com a divulgação em um episódio da série “Alienígenas do Passado”, produzido pelo History Chanel, rede de televisão norte-americana focada em conteúdo de teor histórico e científico. O episódio 135 da 11ª temporada da série apresenta as inscrições da Pedra de Ingá como enigmáticas, especulando que os autores das inscrições obtinham o conhecimento de dados astronômicos, pela semelhança dos símbolos com, por exemplo, constelações. Além disso, os estudiosos ufólogos afirmam no documentário que é possível que algumas das imagens criadas na Pedra de Ingá se relacionam com o conhecimento daqueles que inscreveram os símbolos sobre seres sobrenaturais, cogitando também ser os extraterrestres os próprios autores das inscrições.

No contexto nacional, um exemplo do uso das lendas sobre a Pedra do Ingá pode ser visto no disco Paêbirú (Figura 6), lançado em 1975 pela gravadora pernambucana Rozemblit, dos cantores Zé Ramalho e Lula Côrtes (1949-2011). O disco traz ênfase ao imaginário acerca das inscrições rupestres de Ingá, unindo seres extraterrestres e uma entidade mitológica indígena, o Sumé.

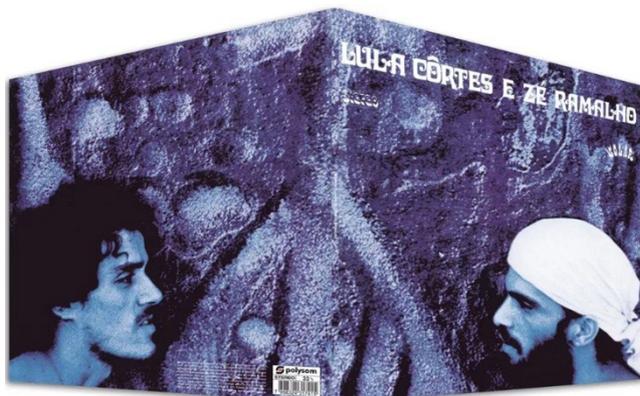


Figura 6 Capa do disco Paëbirú.

Fonte <https://g1.globo.com/>, 2022.

Dentre as faixas da obra Paëbirú, foram produzidas as músicas “Nas Paredes da Pedra Encantada” e “Trilha de Sumé”, construídas com aspectos simbólicos que se referem à mistura de um ser extraterrestre personificado no ser mitológico indígena Sumé. A seguir, tem-se os trechos extraídos das músicas supracitadas que se referem a estes personagens.

“Pelo Vale de Cristal
Acredite se quiser
Um viajante lunar desceu no raio laser
E no radar
Com sua barba vermelha desenha no peito a Pedra do Ingá!”
(música “Nas Paredes da Pedra Encantada”, Lula Cortês, 1975)

“[...] Que o fogo é escravo de um pajé
E que a água há de ser cristalizada
Nas paredes da pedra encantada
Os segredos talhados por Sumé
Um cacique de pele colorida [...]”
(música “Trilha de Sumé”, Zé Ramalho, 1975)

O souvenir mandala (Figura 7), é um exemplo da utilização dessa narrativa. O artefato carrega a representação da identidade local na aplicação de três símbolos em baixo-relevo, similar à técnica das inscrições rupestres. Quanto ao imaginário, a forma de disco configurada em cerâmica pode estar relacionada com as narrativas sobre as lendas em torno da origem das inscrições da Pedra de Ingá por seres extraterrestres. O formato de disco da peça assemelha-se ao formato das espaçonaves, tidas como o transporte intergaláctico de tais seres. Vale ressaltar que os símbolos reproduzidos neste artefato são as inscrições rupestres que mais se assemelham a formas antropomórficas, o que reforça a ideia de uma representação de seres de outro planeta quando se une à forma sugestiva de um “disco voador”.



Figura 7 Suvenir mandala.

Fonte Arquivo pessoal, 2021.

Um outro aspecto explorado nos suvenires das Itacoatiaras de Ingá é a referência às origens indígenas. No contexto do espaço turístico estudado, a alusão aos índios como possíveis autores das inscrições podem ser percebido na parte esquerda inferior do painel no interior do museu local, apresentado anteriormente (Figura 2). Além do painel, o mesmo artista, Vanderley de Brito, é autor da tela intitulada “O cântico sagrado da Pedra do Ingá” (Figura 8), presente no espaço turístico do sítio arqueológico. A pintura revela os contos sobre a Pedra do Ingá como palco para ritos de grupos indígenas ancestrais que passaram pelo local.

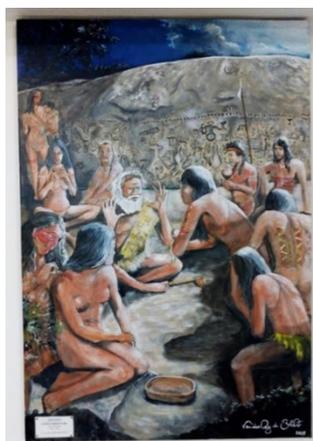


Figura 8 Tela “O cântico sagrado da Pedra do Ingá”, de Vanderley de Brito.

Fonte Arquivo pessoal, 2018.

O souvenir porta-copo (Figura 9) é um exemplo do uso dessa narrativa no artefato. O souvenir carrega a representação das Itacoatiaras de Ingá na reprodução do baixo-relevo e na simulação do aspecto bruto de deterioração da pedra que contém as inscrições – remetendo à sua antiga datação. É aplicado ao artefato um elemento gráfico semelhante a grafismos indígenas, o que pode denotar uma referência ao imaginário acerca de povos indígenas ancestrais como autores das inscrições rupestres.

Figura 9 Suvenir porta-copo.

Fonte Arquivo pessoal, 2021.



Os artefatos analisados exemplificam as diferentes formas de narrativas apresentadas nos suvenires das Itacoatiaras de Ingá, em alusão a identidade do território. Destacando os significados possíveis a partir dos elementos da configuração dos artefatos, como cor, textura e acabamento, bem como a relação com os aspectos semânticos do produto.

Considerações finais

Os suvenires analisados apontam a capacidade comunicativa dos artefatos por meio de sua configuração formal e as possibilidades que um artefato fornece para a representação da identidade de um local. Nos suvenires das Itacoatiaras de Ingá a identidade do território é representada por meio dos elementos que envolvem o contexto do patrimônio arqueológico local.

As referências percebidas nos atributos visuais dos produtos possibilitam a relação com alguns dos elementos do imaginário construído em torno da origem dos símbolos rupestres. O imaginário, quanto a origens pré-históricas, é explorado nos produtos por meio do uso de réplicas miniaturizadas dos animais pré-históricos e do ambiente do sítio arqueológico. Em relação ao souvenir com referência ao imaginário quanto a autoria dos símbolos por indígenas, a representação é configurada graficamente no uso de um elemento decorativo, similar em sua linearidade e continuidade aos grafismos corporais indígenas. Por outro lado, as lendas que narram a presença de seres extraterrestres na Pedra do Ingá são materializadas no souvenir mandala na forma sugestiva de um disco e no uso dos símbolos rupestres que mais se assemelham a formas antropomorfas, numa possível alusão ao “Ets” em um “disco voador”. Por fim, o souvenir em formato de meleira traz uma referência ao aspecto rudimentar dos artefatos pré-históricos, elemento este que faz parte do contexto apresentado no Museu de História Natural de Ingá. Essa referência pode ser percebida visualmente do tipo e na baixa precisão do acabamento empregado na queima do material cerâmico, bem como na irregularidade da peça e texturização da superfície. Os aspectos mencionados, extraídos a partir das análises, também apontam

a relevância da compreensão sobre o contexto sociocultural do território, e como isto é imprescindível para o entendimento da mensagem transmitida pelo artefato.

Vale ressaltar a viabilidade da análise por meio da semiótica aplicada no uso das dimensões sintática e semântica, realizada de forma mais objetiva em detrimento do espaço limitado para o presente artigo. Por fim, ressalta-se a importância dos estudos sobre os significados em torno dos suvenires e o modo como este artefato se relaciona com a comunicação da identidade local. Este fator indica outras perspectivas que podem ser exploradas em estudos futuros, com foco no intuito de representação dos suvenires por parte dos produtores e na percepção dos turistas.

Referências

- ALBINO, Cláudia Regina da Silva Gaspar de Melo. **Os sentidos do lugar valorização da identidade do território pelo design**. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Aveiro. UA, Aveiro, 2014.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BARBOSA, Ana Carolina; CAVALCANTI, Virgínia Pereira. Design, souvenir e cultura: abrangências da experiência turística. In: **Blucher Design Proceedings**, Belo Horizonte (MG), v. 9, n. 2, p. 3552-3560, out. 2016.
- BARROSO NETO, Eduardo. Os territórios do design e a produção artesanal: um relato de experiências no Brasil. In: **Territórios criativos: Design para a valorização da cultura gastronômica e artesanal**. Belo Horizonte: Editora Atafona, 2017, p. 77-85.
- BONSIEPE, Gui. **Design, cultura e sociedade**. 1 ed. São Paulo: Blucher, 2011.
- BRAIDA, Frederico; NOJIMA, Vera Lúcia. **Tríades do Design: um olhar semiótico sobre a forma, o significado e a função**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2014.
- CARDOSO, Rafael. **Design Para um Mundo Complexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.
- DAMAZIO, V. Design, memória e emoção: uma investigação para o projeto de produtos memoráveis. In: MORAES, D.; DIAS, R. Á. (org.). **Cadernos de estudos avançados em design: emoção**. Minas Gerais: Barbacena, v. 8, p. 43-61, EdUEMG, 2013.
- DOHMANN, Marcus. Coleções de objetos: memória tangível da cultura material. In: **Coleções de Arte: formação, exibição e ensino**. Rio de Janeiro, 2014.
- _____. Cultura material: sobre uma vivência entre tangibilidades e simbolismos. **Diálogo com a Economia Criativa**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 6, p. 41-53, set./dez. 2017.

HALL, Suart. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

IPHAN. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Itacoatiaras do Rio Ingá (PB). <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/824>. Acesso em 10 de março de 2021.

KAYA, Çiğdem; YAĞIZ, Burcu. Appropriation in souvenir design and production: A study in museum shops. In: **ITU A|Z**, Turquia, v. 12, n. 1, p. 127-146, mar. 2015.

KRUCKEN, Lia; OLIVEIRA, Ágata M. B.; REYES, Paulo B. KRUCKEN, Lia; MOL, André; LUZ, Daniela. (orgs.). In: **Território + Gastronomia + Design: uma introdução**. Territórios criativos: Design para a valorização da cultura gastronômica e artesanal. Belo Horizonte: Editora Atafona, 2017, p. 20-28.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. 1ª edição Ebook. São Paulo: Editora Brasiliense, 2017.

MACHADO, Paula de Souza; SIQUEIRA; Euler David de. Turismo, consumo e cultura: significados e usos sociais do souvenir em Petrópolis-RJ. **Revista Contemporânea**. Rio de Janeiro, ed. 10, v. 6, n. 1, 2008.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre: nº 15, agosto 2001.

MAYNARDES, Ana Cláudia; VIANA, Dianne M.; SIQUEIRA, Nayara M.; QUEIROZ, Shirley G. Design, Cultura e Materialidade. **DATJournal**. São Paulo, v.5, n.3, p. 167-181, 2020.

MIRANDA, Paulo; PÊGO, Kátia. KRUCKEN, Lia; MOL, André; LUZ, Daniela. (orgs.). Reconhecimento do território através do método do design sistêmico de mapeamento geoiconográfico. **Territórios criativos: Design para a valorização da cultura gastronômica e artesanal**. Belo Horizonte: Editora Atafona, 2017, p. 195-206.

MORAES, H. P.; BRESSAN JÚNIOR; M. A.; BRESSAN, Luzia Liene. Crônicas de um rio: a paisagem de um imaginário coletivo e imagens de memória. In: **Imagonautas - Revista Interdisciplinaria sobre Imaginarios Sociales**. Puebla, México, nº 14, p. 128-145, 2019.

MUNTEÁN, László; PLATE, Liedeke; SMELIK, Anneke. Things to Remember: introduction to Materializing Memory in Art and Popular Culture. In: MUNTEÁN, L.; PLATE, L.; SMELIK, A. In: **Materializing Memory in Art and Popular Culture**. Routledge: New York, 2017.

NIEMEYER, Lucy. **Elementos de semiótica aplicados ao design**. Rio de Janeiro: 2AB, 2007.

OLALERE, Folasayo E. Solidifying Tourists Post-Travel Memories Through Souvenir. **GeoJournal of Tourism and Geosittes**. Year XIIIIII, vol. 33, n. 4, 2020, p.1456-1461

PICHLER, MELLO R. F. C. I. de. O Design e a Valorização da Identidade Local. In: **Design & Tecnologia**, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 4, dez. 2012.

RUSSO, Beatriz; HEKKERT, Paul. Sobre amar um produto: os princípios fundamentais. In: MONT'ALVÃO, Cláudia; DAMAZIO, Vera (org.). **Design, Ergonomia e Emoção**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, p. 31- 48.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: PioneiraThomson Learning, 2005.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria A. A.; SILVEIRA, Maria L. (org). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SILVEIRA, Nathalie Barros da Mota. **Morfologia do objeto: Uma Abordagem da Gramática Visual/Formal Aplicada ao Design de Artefatos Materiais Tridimensionais**. Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco. UFPE, Recife, 2018.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Geografia: conceitos e temas**. 2ª Ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000, p. 77-116.

VIHMA, Susann. On design semiotics. In: DARRAS, Bernard; BELKHAMSA, Sarah. **Objets & Communication**. França: Paris, nº 30-31, p. 197-208, l'Harmattan, 2009.

Recebido: 02 de fevereiro de 2022

Aprovado: 11 de fevereiro de 2022